

Nhô-Quim

Nº 1 - Janeiro.90

FANZINES:

UMA RELEITURA PRECISA

CAÓ
FLÁVIO CALAZANS
MIRKO ILIC



CLIPS PARA AS
HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

QUADRINHOS E LEITURAS AFINS

NHÔ-QUIM

Os últimos dois anos por fim cristalizaram a "crise nos infinitos fanzines", a que tanto se reportou nosso "Polítiqua". Aliás, um dos marcos destes últimos anos da década relativo aos fanzines foi a incrível autocrítica e participação dos faneditores sobre a falta de perspectiva e incertezas de sua produção.

Apesar do "movimento" não ter estacionado, verificando-se até um bom número de novas publicações, a realidade é que a qualidade editorial e gráfica dos novos fanzines teve uma queda drástica em relação aos maravilhosos fanzines surgidos na primeira metade da década de 80, e que hoje encontram-se quase todos desaparecidos.

A avaliação sobre a crise, tão bem elaborada por editores e leitores de todas as partes do país, serviu, sobretudo, para o amadurecimento dos que estiveram ligados às publicações alternativas, elaborando sugestões que contribuísem de forma eficaz para a consolidação de nossos veículos.

Uma das conclusões mais interessantes é que a forma de produção de fanzines que predominou durante toda a década tendia a ceder lugar a outra mais racional. Ou seja, os fanzines de autor, de indivíduos isolados, seriam substituídos por fanzines produzidos por grupos, associações, pelo coletivo. Dessa forma o trabalho de edição, custos, divulgação e circulação seria assumido por várias pessoas, numa escala de tempo e recursos econômicos mais compatível com nossa realidade.

Partindo deste princípio, e pela afinidade que desenvolvemos tanto na esfera pessoal quanto nas pretensões editoriais, resolvemos unir em um só fanzine as idéias e sonhos que moviam POLÍTIQUA e MARCA DE FANTASIA, gerando NHÔ-QUIM, fanzine de quadrinhos, entrevistas, comentários, humor e leituras afins, tudo sob o fio condutor que uniu nossos dois antigos fanzines: a linguagem política dos quadrinhos.

Com NHÔ-QUIM pretendemos manter a periodicidade trimestral, um bom nível de informações e quadrinhos, e contribuir para o aprimoramento dos quadrinhistas e editores brasileiros.

Henrique Magalhães &
José Carlos Ribeiro

Ano I - Nº 1
Janeiro de 1990

Fanzine trimestral de Henrique Magalhães &
José Carlos Ribeiro

Paraíba/Rio Grande do Sul

Endereço para correspondência:

Caixa Postal 1113 - CEP 58.001
João Pessoa, Paraíba - BRASIL

Tiragem inicial: 120 exemplares

3. NHÔ-QUIM - UMA VIAGEM À ORIGEM DOS QUADRINHOS
5. VIRGENS DE TAMBAÚ
H. Magalhães
7. CAÓ
8. FANZINES - UMA RELEITURA PRECISA
12. CLIPS PARA AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS
13. FLERTE FATAL
Flávio Calazans
15. BOTANDO O BEDELHO NO MUNDO
16. MIRKO ILIĆ
18. QUADRINHOS E LEITURAS AFINS



Manoel Filho - Salvador

NHÔ-QUIM

UMA VIAGEM À ORIGEM DOS QUADRINHOS

Henrique Magalhães

No auge de sua atuação, por volta de 1885, a AQC - Associação de Quadrinhistas e Caricaturistas de São Paulo - lutava particularmente em duas frentes: no Congresso Nacional procurava fazer "lobby" para a aprovação de uma lei de reserva para a HQ nacional, a lei dos 50%; e nos congressos internacionais de quadrinhos pelo reconhecimento de ter sido o Brasil um dos primeiros países a produzir histórias em quadrinhos.

Contrariando as enciclopédias e os manuais de HQ que dão a primazia desta arte aos americanos, com o lançamento de "Yellow Kid", em 1865, no Brasil era lançada uma campanha na imprensa, promovida por pesquisadores e editores de fanzines, para a redescoberta de "Nhô-Quim", primeiro personagem nacional, publicado pela revista "Vida Fluminense", em 1869.

Segundo as pesquisas "As Aventuras de Nhô-Quim ou Im pressões de uma Viagem à Corte", uma criação do italiano naturalizado brasileiro, Angelo Agostini, seria a segunda HQ do mundo, sendo precedida apenas por "Max und Moritz" (inspirado nos "Sobrinhos do Capitão"), criação de Wilhelm Busch, na Alemanha, em 1865.

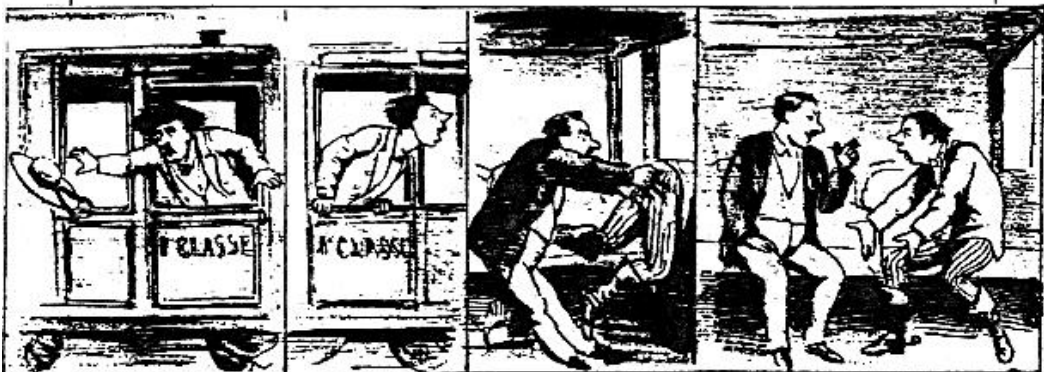
A vantagem de "Yellow Kid" sobre "Nhô-Quim" e "Max und Moritz" dá-se no fato do personagem americano ter sido o primeiro a usar o balão, incluindo o texto dentro do quadro, enquanto seus antecessores tinham o texto sob o quadro. Como se sabe, até hoje o balão é um dos mais fortes signos dos quadrinhos.

A idéia de definir um dia para o quadrinho nacional partiu dos fanzines "Notícias dos Quadrinhos" e "Quadrinx", de Ofeliano de Almei

da e Worney A. de Souza, respectivamente, logo encampada pela AQC, que organizou sua primeira comemoração no dia 30 de janeiro de 1985. Este dia refere-se à data da primeira publicação das "Aventuras de Nhô-Quim".

No SESC-Pompeia (SP) foram homenageados quatro dos mais importantes desenhistas nacionais, Messias de Melo, Jayme Cortez, Rodolfo Zalla e Eugênio Colomesse, com o troféu Angelo Agostini - uma placa em clichê do primeiro episódio das "Aventuras de Nhô-Quim" em suporte de madeira -, além de um prêmio especial para a revista "Interquadrinhos", considerada como melhor lançamento de 84.

Em 85 o Dia do Quadrinho Nacional foi também comemorado na Paraíba e no Rio de Janeiro. Na Paraíba foi organizada uma exposição "Quadrinhos Brasileiros Con



Virgens de Tambaú

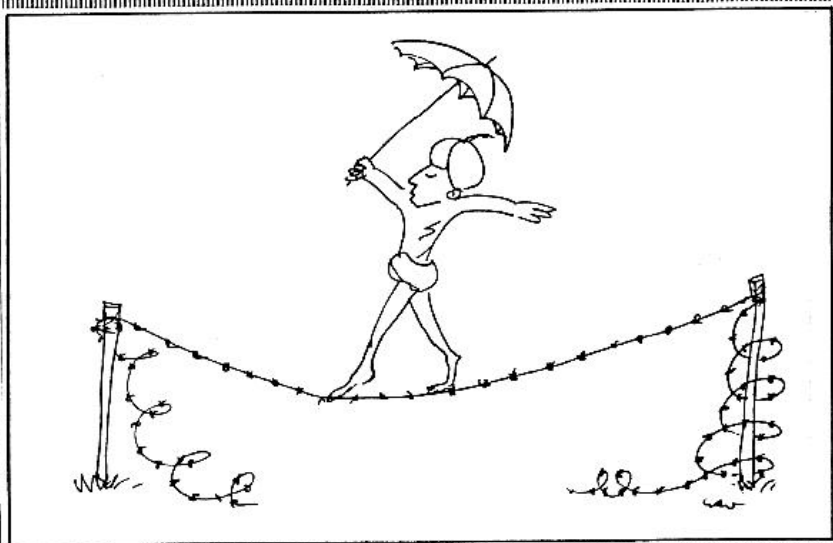
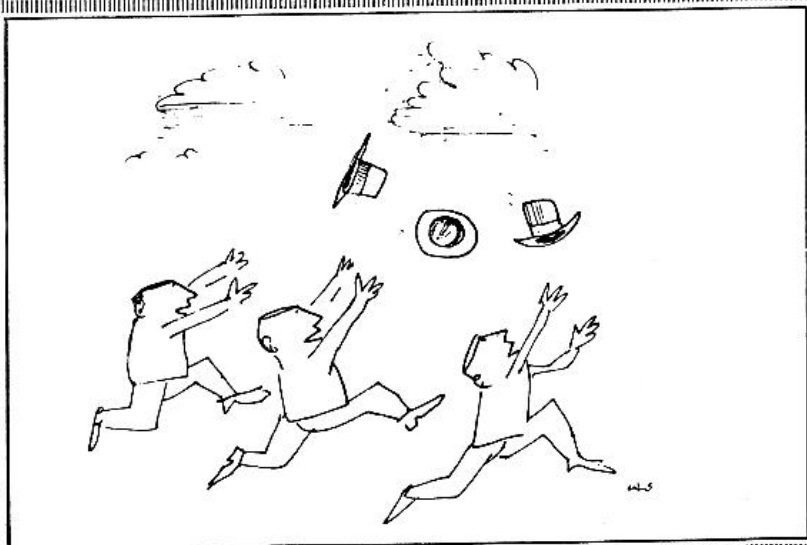
Henrique Magalhães



VIRGENS DE TAMBAÚ



CAO - Salvador/Paris



FANZINES

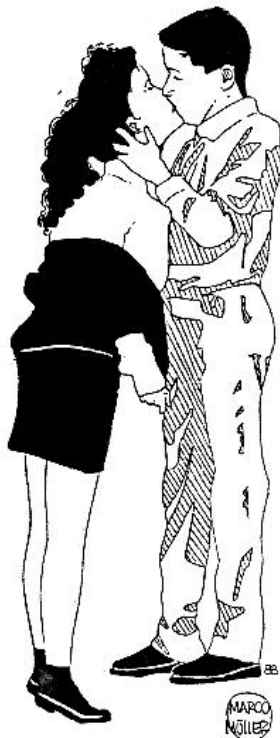
NA DÉCADA DE 80
UMA RELEITURA

José Carlos Ribeiro

Os primeiros dias dos anos 90 já nos permitem olhar para trás e distinguir como um bloco, o que foi e o que não foi relevante na década que se encerrou. Evidentemente tudo o que se avalia depende de parâmetros pessoais, regionais, culturais, que tornam cada parágrafo escrito um amontoado de idéias conceituais sobre o "meu certo", o "meu errado", o "meu belo" e o "meu feio". Não pretendemos ir por aí, o que nos fascina mais é instigar o questionamento do que aconteceu com os fanzines e o que não aconteceu nestes dez anos. Procurar a luz. Respostas.

REVIZINES

A tendência nestes anos foi uma "miscelânea" sobre a conceituação do que seja exatamente um fanzine. Apareceram inúmeras publicações em que o trabalho apresentado era o do próprio editor, ou editores, reforçando o ego e criando a figura de fans de si mesmo. Estas revistas chamadas por alguns de "revizines" raramente chegara a uma sequência contínua, abortando assim alguns sonhos. Obviamente a validade de tais publicações tem mais a ver com a pretensão do idealizador, do que com o mercado fanzínico. Vários autores de HQ conseguiram através de



LEVE DESEPERO III

MARCO MÜLLER NOS DEU OS MELHORES EXEMPLOS DE "POEZINES"

revizines a divulgação necessária para colocarem seus personagens na roda, com a publicação em outros zines ou conseguiram associ-

ações para continuar a manter acesa a chama.

POEZINES

A poesia entrou de maneira lenta mas firme no meio zineiro e hoje já disputa espaço com publicações exclusivas, repletas de bons versos e idéias. Conseguiu-se uma associação interessante entre poetas e ilustradores oriundos das HQs. Já se pode dizer que alguns "poezines" encontraram a forma ideal para veicular seus delírios. As gravuras ou ilustrações e às vezes historietas, criam um impacto positivo quando bem entrosados desenho e palavras.

PUNKZINES

A onda punk nos zines es teve em declínio no final da década principalmente em virtude do excessivo preço cobrado pela cópias xerox, o que reduziu a algumas raras quínticas publicações o que antes parecia mais um filão da contracultura. Também sofreram os zines que divulgavam rádios piratas dos principais centros do país.

A incógnita sobre o que é um zine permaneceu até mesmo nas edições de autores já consagrados entre os sumidores de alternativos, que ao encontrar espaço em

Rock'n'Roll News

ARNILDO BAPTISTA



AO LADO DOS "PUNKZINES" OS FANZINES DE ROCK MARCARAM IMPORTANTE PRESENÇA NOS ANOS 80.

pequenas editoras comerciais não conseguiram passar o clima obtido em suas incursões pelos caminhos dos fanzines. Por outro lado algumas revistas tentaram chutar o clima dos fanzines, inserindo seções que pareciam ser aquilo que não eram. Falsificando o meio empregado para uma mensagem dirigida ao público afeito aos zines.

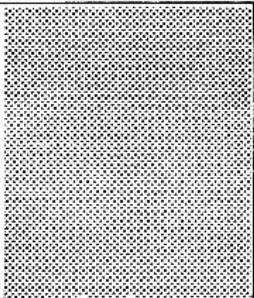
REGRAS

A maioria das publicações que circulou durante os anos 80 obedeceu uma regra geral: Não há regra quando

se trata de fanzines. A periodicidade raramente foi seguida, o número de páginas variou assim como a forma de apresentação e o conteúdo.

Os que adquiriram um fanzine, na maioria das vezes ignoravam a linha ou trilha da publicação mesmo que já tivessem passado por suas mãos um número anterior.

Os fanzines nostálgicos continuaram a manter a sua notoriedade conquistada pela ausência de modificações inseridas no decorrer dos números editados. Diagrama-



"LOGOTIPO" - UM DOS MAIS VERSÁTEIS FANZINES BRASILEIROS

ção, divisões de seções, base de pesquisa e linha editorial, se mantiveram no agrado do leitor dos zines que são inegavelmente os de maior sucesso no meio das publicações alternativas sobre o assunto quadrinhos.

A previsão do conteúdo dos zines nostálgicos era tanta que pelo menos um deles conseguiu prever a data em que lançaria o último número a ser produzido.

O que se nota entre os editores de fanzines de nostalgia é a pouca preocupação em aumentar o número de leitores, existindo uma tendência até de limitá-los aos colecionadores e pesquisadores da arqueologia quadrinística. Explica-se assim a dificuldade de entrar

em contato com estes, não se obtendo resposta às cartas enviadas se você não está "enturmado". Circula até um fanzine "fantasma", de editor desconhecido, como o seu endereço, sendo recebido apenas por alguns "abençoados" colecionadores. Fica entre aqueles novos na idade e por isto desconhecidos da mágica dos anos de "ouro" dos quadrinhos, e entre os neófitos recém iniciados na arte, a sensação de rejeição por parte dos veneráveis conhecedores da iniciação mística e centenária dos primórdios confusos de

Globos Juvenís, Gazetinhas, Suplementos e Almanques.

TENDÊNCIAS

A tendência do final da década de 80 foi a união de criadores em texto, desenho e pesquisa em associações que permitisse a veiculação de um maior número de informações e trabalhos em publicações conjuntas. Algumas surgem a nível local, baseando-se majoritariamente em cidades de grande número de

habitantes, com maiores recursos de divulgação e impressão. Surgem também aquelas de âmbito regional, reunindo criadores de cidades próximas, com um complicador duplo: distância e tempo empregado na troca de informações. O grande desafio do início dos anos noventa é a manutenção destas associações em funcionamento e com produção regular. Serão sepultados os zines que tentaram permanecer contra esta tendência, com excesso aos que já construíram uma base de sustentação mais sólida como os nostálgicos.

INFORMATIVO
nº01 - Junho/89

DIZINKANTO SOCIAL

In the name of progress, forests have been denuded, lakes poisoned with pesticides, underground aquifers pumped dry. For decades, scientists have warned of the possible consequences of all this profligacy. No one paid much attention.

Esse informativo é dedicado a aqueles que lutam para mudar este mundo que acaba diariamente; aos que lutam pela Aterquia, mas que sabem ser necessária, antes de tudo, a conscientização de todos; aos novos e antigos no movimento, pois o que verdadeiramente interessa é o grau de consciência de cada um.

NÃO USE DROGAS! ABATEO

NÃO DEDICAMOS AOS BOYS, AOS QUE QUEREM PASSAR POR REVOLUÇÕES E, AOS QUE FICAM NOS CRITICANDO E FALANDO POR TRÁS DE NÓS!!!



"FACTUS"
EXCELENTE "REVIZINE"

AS FACILIDADES DE IMPRESSÃO EM XEROX POSSIBILITOU OS EXPERIMENTOS MAIS CRIATIVOS, COMO O "DIZINKANTO SOCIAL"

OS ANOS 90

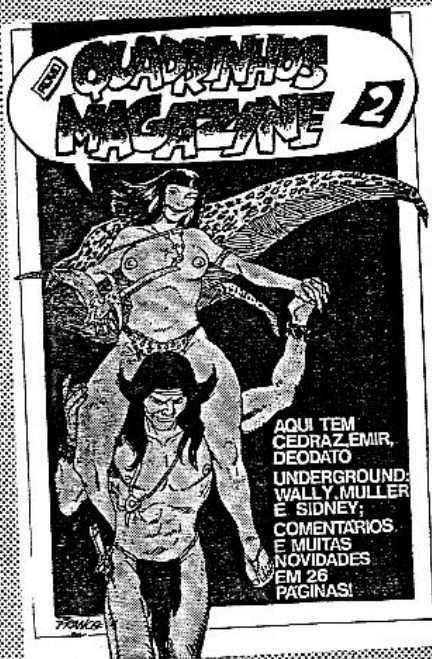
A década de noventa vai exigir um alto grau de organização por parte dos fanzineiros, tendo em vista não só a mudança no esquema empresarial das editoras de livros que descobriram o filão dos quadrinhos, principalmente no que se refere a álbuns. Estes têm público garantido em todas as áreas de lançamento, seja de reedição ou de lançamentos estrangeiros e nacionais. O quadrinheiro consciente tem que entender que não importa mais questionar e fazer pressão sobre a EBAL ou ABRIL, mas sim sobre editoras que estão abrindo as portas para os álbuns de quadrinhos. A organização

de encontros e festivais de quadrinhos nos grandes centros é essencial para a divulgação e crescimento da arte no Brasil.

O intercâmbio com Portugal e Espanha na área dos fanzines veio dar novo alento aos criadores que têm a possibilidade de penetrar no mercado europeu. É preciso reforçar os laços que motivam esta iniciativa e aproveitar a experiência que os europeus possuem para podermos expor nossa criatividade. começamos a década no ponto que terminamos os 80. Com esperança de dias melhores para os quadrinhos nacionais, aguardando o dia em que divulgar HQs seja resultado de atitudes de raciocínio e lógica, e não sinal de loucura.



DOSES REGULARES DE NOSTALGIA



"MUTAÇÃO" - RETATO DOS NOVOS COMENTARIOS

QUADRINHOS E INFORMAÇÕES:
FIDELIDADE AO TERMO "FANZINE"

CLIPS PARA AS HISTÓRIAS em QUADRINHOS

Sobre o CLIPS DE CALAZANS devo começar dizendo que o trabalho de Calazans, num todo, - Clips, Barata, Guerra das Ideias - possui uma qualidade extremamente particular, diferenciando-se de tudo o que se faz em quadrinhos no Brasil. Num paralelo, mas com outra perspectiva, situa-se a produção de Marcatti, também personíssima tanto na criação quanto na produção. Nos dois há um trabalho harmônico, podendo-se identificar claramente os objetivos a que se propõem.

O CLIPS DE CALAZANS tem um universo tão vasto quanto preciso. Figura onírica misturam-se com personagens urbanas; o pré-histórico, o medieval, lado a lado com elementos oriundos da alta tecnologia sem que haja uma incompatibilidade de tempo ou gênero. O que os liga sem arestas é a ideia básica que percorre todo o texto/contexto que impregna sua obra: a fragilidade humana diante da natureza selvagem do homem; barbárie e civilização convivem num mesmo espaço/tempo; a diversidade na unidade na história humana; níveis de consciência libertários, anarquistas, ao lado do fascismo diário, do machismo, do poder estatal.

Esta característica de trazer a modernidade através dos monstros, de fantasia ou não, que circulam em nosso dia-a-dia, quase que num universo paralelo - não es tivesse tão presente - é a marca que imprime ao CLIPS e a todo seu trabalho a particularidade que dificilmente se encontra na produção de outro autor.

O CLIPS DE CALAZANS é mais uma poesia incendiária de te "quadripoeta". A poesia

Henrique Magalhães

é o que melhor define seu trabalho. Poesia visual, poesia estética, poesia contextual. Libertar-se do texto escrito, no CLIPS, só reforcou mais ainda a criatividade poética. As imagens sequenciadas, mas por inúmeras vezes soltas e independentes - cada imagem quase fala por si - exigem um esforço a mais para a compreensão da história. Como imagem cada quadro abre um leque de subjetividade que mexe com o imaginário do leitor. As interpretações tornam-se múltiplas, as histórias casam-se com o racional e com o emocional de cada observador.

Na história "Izkah" somos levados, por associação, a identificar o universal no particular, ou seja, todo o princípio do universo estaria contido no elemento mais banal da natureza. Tudo se interage e compõe harmoniosamente até os limites do infinito, o que, aliás, nos sugere a história, que não apresenta um fim. Acabam-se os desenhos mas continuam refletindo e exercitando sua sequência.

Em "Kierkegaard" e "Curra" os títulos das histórias colocam-se como parte do cenário, seja na capa do livro, na primeira história, seja como grafite num muro, na segunda. Neste caso, mesmo sendo texto, os títulos transformam-se em elementos visuais que em nada ferem o objetivo essencialmente ilustrado do trabalho.

De todas as histórias de CLIPS DE CALAZANS talvez a menos compreensível seja "Dregão". A surpresa que a

personagem protagonista expressa no quadro final acaba sendo o mesmo sentimento do leitor, de indagação do significado de tudo o que ocorreu. Acostumados com as mensagens claras, mesmo que subjetivas, das outras histórias, em "Dregão" ficamos a nos perguntar o que o autor nos queria dizer, que brando a cumplicidade permanentemente que liga seu trabalho ao leitor.

O elemento "surpresa" está presente em várias histórias, alcançando um forte impacto sobretudo em "Fierste Fatal" e na última, sem título, identificada com o símbolo do Anarquismo.

Outros elementos fortes do trabalho de Calazans são a boa utilização de manchas claras e escuras e a quebra do enquadramento convencional. Estes dois elementos dão ritmo e melhor composição às histórias.

Como proposta o CLIPS DE CALAZANS é uma publicação por demais estimulante, que nos remete ao "Psu, Quadrinhos Mudos", coordenado por Edgard Guimarães. Como resultado, é mais um trabalho competente de Flávio Calazans, para nosso deleite e reflexão.

CLIPS DE CALAZANS

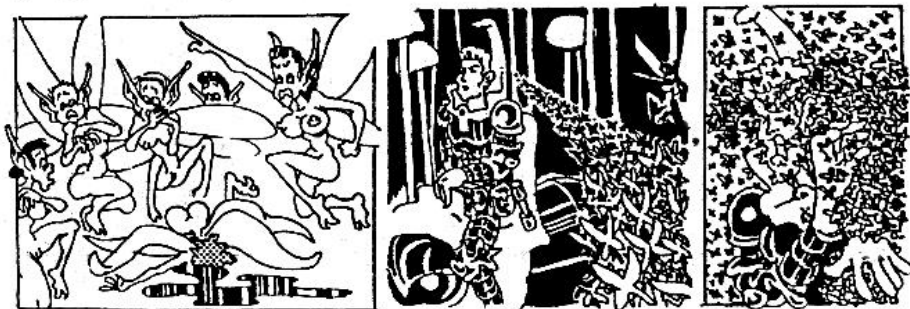
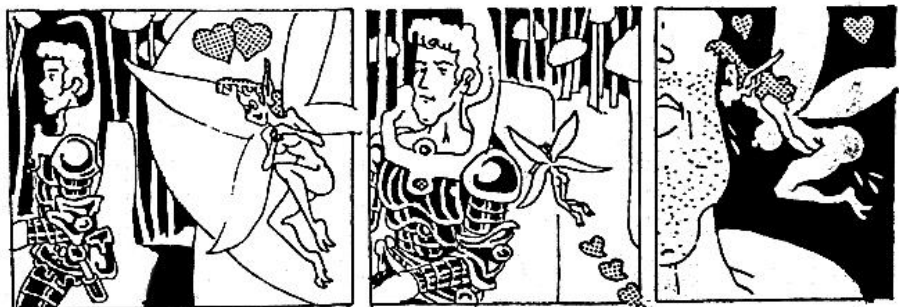
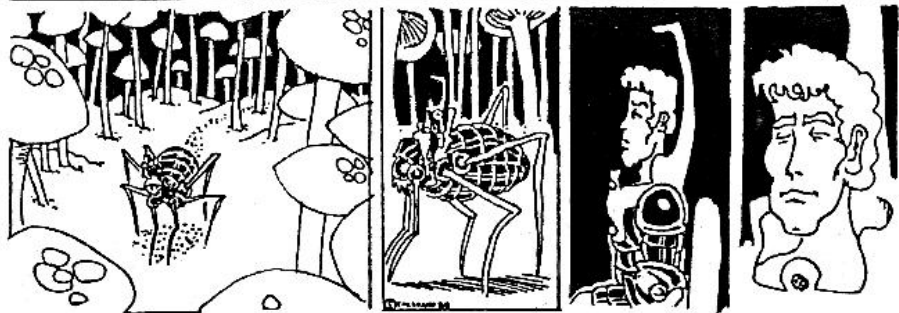
Editor: Flávio Calazans
Rua Clay Presgreave do Amaral, 13 - Gonzaga
11055 Santos, SP.



FLERTE FATAL

FLÁVIO CALAZANS

- EXTRALDO DO "CLIPS DE CALAZANS"





MIRKO ILIĆ - Iugoslávia

HISTORY OF HUMAN ABSURDITY

por Mirko Ilić • Parte 1

FIQUE ONDE ESTÁ!



ALI ADIANTE!!



VE AQUELE BURACO QUE A BALA FEZ?



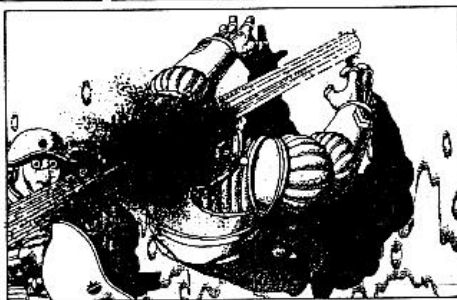
É UM LOCAL PERFEITO PARA OBSERVAÇÃO. HÁ APENAS UMA CHANCE EM MIL DE QUE OUTRA BALA...



... ACERTE O MESMO LUGAR. BOM SABER DISSO...



QUANDO SE DEIXA OS MIÓLOS DESPROTEGIDOS...



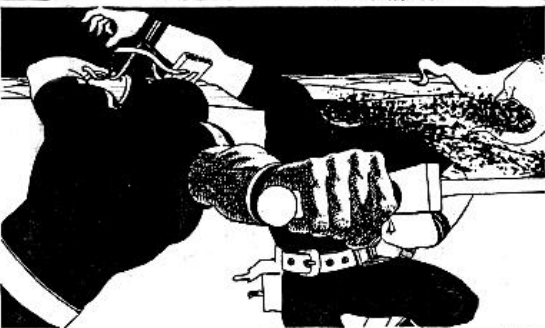
ESTÁ VENDO? ÀS VEZES, VALE A PENHA TERMOS PACIÊNCIA.



-NA VERDADE, EXISTE APENAS UMA CHANCE EM MIL DE QUE UM BURACO DE BALA FAÇA COM QUE ALGUM OTÁRIO IMAGINE HÁVER UMA CHANCE EM MIL DE QUE OUTRO TIRO ACERTE O MESMO LOCAL.



N. ILIĆ '79





ESTRANHA LUCIDEZ

Nº 1 - novembro.89
 Editor: Douglas Yudiro
 R. Siqueira Campos, 185
 B. Sousas
 13.130 Campinas, SP.

É um daqueles zines que os quadrinheiros estão chamando de "pós-modernos". Procura um estilo próprio, está quase encontrando. A HQ do Nakamura, "Um programa para o sr. Calixto" vai bem até a metade do caminho, aonde se perde para um final melancólico: até os desenhos vai se tornando mais fracos e indecisos com

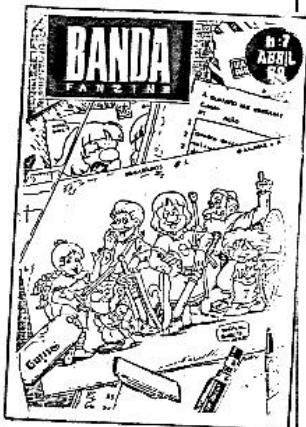
o desenrolar dos quadros. Faltou tempo? A primeira do Douglas "O dia em que me tornei um... super-herói!" dentro do clima "clean" é mais bem conduzida.

BOOK STORE



Nº 1 - outubro.89
 Editor: Odyr Silva
 R. Marechal Floriano, 385
 Rio Grande, RS.

O BS é um catálogo que abrange os principais lançamentos dos quadrinhos nacionais e importados da livraria que o pessoal de Rio Grande edita. Além de comentários sobre os principais lançamentos no mundo da HQ, este primeiro número apresenta artigos sobre os clássicos quadrinhos modernos, como o Incal Negro de Moebius, e Simon du Fleuve, de Auclair.



BANDA

Nº 7 - abril.89
 Editores: Rui Brito,
 João Simões, Jorge Deodato
 Bairro da Calça dos Mes-
 tres, rua 8, nº 28
 1000 Lisboa, Portugal

A capa deste zine português apresenta o "nosso" conheci-
 do Arthur Garcia, do zine
 "Estúdio", de São Paulo.
 Agora morando em Lisboa e
 trabalhando em publicidade,
 o Arthur já tem perspecti-
 vas de ser editado na Belgi-
 ca.
 Participou do 8º Festival
 BD Lisboa-89 com grande su-
 cesso.

Nº 8 - setembro.89

Conforme seu editorial, o
 fanzine "Banda" está a pas-
 sar por uma fase de reestruc-
 turação de que o leitor irá
 tomando conhecimento à medi-
 da que for folheando os pró-
 ximos números.
 Neste número 8 "Banda"
 transforma-se num fanzine
 biográfico, ou seja, elabo-
 ra um verdadeiro dossier so-
 bre o trabalho de Luís LOU-
 RO, um dos vultos mais im-
 portantes da atual BD.
 Luís Louro, ao lado do argu-
 mentista Tozé Simões, é dos
 mais produtivos jovens que
 se evidenciaram nos anos 80
 com suas histórias em qua-



LUIS LOURO



BANDA

drinhos de aventuras, tendo publicado pranchas em diversas revistas e editado quatro álbuns da série "Jim del Mónaco", pela Editora Futura, de Portugal. O fanzine tem 24 páginas com reportagens, entrevista, bibliografia e o início de uma HQ assinada por Luis Louro & Tozé Simões.

O GRUPO JUVENIL

Nº 20 - dezembro.89
 Editor: Jorge Barwinkel
 R. Dr. Flores, 227 - 5ª andar - 90020 Porto Alegre, RS
 xerox, 42pág., 33x22cm.

Falar do "Grupo Juvenil" é quase sempre repetir a mesma coisa: que é um excelente fanzine, com matérias interessantes e um monumental trabalho de pesquisa.

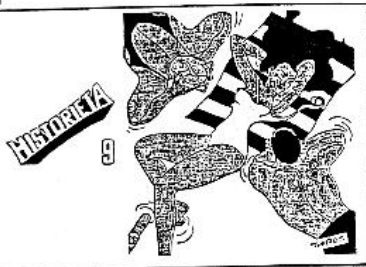
Ao chegar ao número 20 "O Grupo Juvenil" nos surpreende pela periodicidade irrecorrível que vem mantendo, sobretudo quando se evidencia o desmoronamento do "movimento" de fanzines pela crise e pela falta de perspectivas. Barwinkel continua firme em sua batalha, com um trabalho sempre criativo dentro dos parâmetros de sua "bagunça organizada". Nesta edição temos um dossier sobre o Capitão Marvel e sua habitual página de "sacanagem", onde "Toda nudez será... admirada".



GARRAFA

Caixa Postal 135
 08550 Poá, SP

Interessante fanzine sobre um tema polêmico: destina-se a promover a reforma agrária do ar, ou seja, a liberdade para as rádios livres (ou piratas). Divulga manifestos, programação e lhe põe em contato com diversas rádios livres que existem por aí.



HISTORIETA

Nº 9 - Inverno de 1989
 Editor: Oscar C. Kern
 Caixa postal 6068
 91031 Porto Alegre, RS.
 Offset, 44 pág. 21x30cm.

Até que enfim apareceu o nº 9 do mais incrível fanzine, ou seria revista, ou seria álbum, ou seria... Bom, o que importa é que Oscar Kern resolveu voltar a trabalhar e a produzir Historieta. Considerado um dos melhores fanzines/revistas do Brasil,

Historieta chegou a ter uma edição circulando em bancas, produzida pela Press Editorial.

A experiência, apesar de ter obtido uma boa resposta,

não pôde ser levada adiante, por causa do fechamento da Press.

É com prazer, portanto, que saudamos a volta de Historieta ao circuito habitual dos fanzines, mesmo que, dessa forma, seja impossível o acesso ao grande público.

Neste número temos Elbio Porcellis, Wally, Barwinkel, Emir, Alvimar em um caprichado trabalho de produção. Em primeira mão podemos apreciar os primeiros capítulos do livro de Kern e Barwinkel sobre o "Novo Globo Juvenil".

OVERDOSE DE HUMOR E POLÍTICA

ano 3 - nº 6 - maio de 88
Marca de Fantasia

☆☆☆☆☆
**VIVA
HENFIL!**



Agência Finarte
Marketing e Quadrinhos

politiQUA
O MÊS DE POLÍTICA DOS QUADRINHOS

Nº 15



Yoko
Luis Trindade

Leão
Luis C. Castro

Arlete
Luis Pinheiro

Priscilla
Arlete Pinheiro

R. Júlio de Castilhos 403/s 10
95.185 Carlos Barbosa - RS